

# Covid-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade



**Informação de qualidade para aperfeiçoar as políticas públicas e salvar vidas**

## Nota Técnica No. 24

Entre as lideranças, é forte a percepção de que os idosos são os mais afetados pela pandemia. A presença da fome, de crianças sem aula e pais preocupados com a falta de estrutura nas escolas acentuaram a tragédia dos mais vulneráveis. Como contraponto, há esperança de que o senso de solidariedade despertado nas comunidades seja duradouro

- Insegurança alimentar continua sendo o principal problema nas comunidades mais vulneráveis das regiões metropolitanas, cujas lideranças são sensíveis ao grande número de famílias que passam a conviver com a fome.
- Cerca de 67% das lideranças citaram os idosos como o grupo mais afetado pela pandemia: risco de morte pelo contágio, solidão e falta de acesso a serviços de saúde estão entre os principais problemas apontados.
- Sem atividades educacionais, internet e recursos básicos como computador e celular as crianças não conseguem acompanhar e apreender os conteúdos educacionais à distância;
- Cresce a preocupação com a educação dos filhos: desgaste psicológico e perda cognitiva e de conteúdo em casa somam-se à insegurança dos pais sobre a falta de estrutura mínima nas escolas para proteger os alunos.
- Em contraste com a tragédia cotidiana amplificada pela pandemia, cerca de 40% das lideranças acreditam que o senso de comunidade e de solidariedade que se manifestou na crise permanecerá como legado para o futuro.
- 16% afirmaram que a experiência negativa e a insatisfação com a atuação pública deverá se expressar em melhores escolhas nas próximas eleições, que tenderá a penalizar os candidatos menos comprometidos com essas comunidades.

## Introdução

Este Boletim traz resultados da quarta rodada de coleta de dados do *Painel de monitoramento com lideranças comunitárias sobre os impactos do avanço da pandemia do Covid-19*, realizado pela Rede de Pesquisa Solidária. O registro regular de informações sobre os principais problemas que as populações mais vulneráveis enfrentam com a pandemia ajuda o poder público e as próprias comunidades a gerenciar risco e a antecipar crises.

A Rede ouviu, identificou e sistematizou problemas críticos relatados por dezenas de lideranças de comunidades, bairros e territórios de alta vulnerabilidade social em diferentes regiões do país. Para este Boletim, foram contatadas as mesmas lideranças das três ondas anteriores do monitoramento consolidadas nos Boletim # 7, # 12 e # 17, assim como novos representantes das mesmas regiões. O levantamento, realizado entre os dias 17 e 30 de agosto, traz os resultados de 64 entrevistas realizadas com lideranças de áreas urbanas das regiões metropolitanas de Manaus, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal, Campinas, Salvador, Joinville e Maringá.

As lideranças e representantes comunitários são fontes estratégicas de informação, pois estão permanentemente mobilizados para enfrentar os problemas mais graves que atingem suas localidades. Em diálogo constante com os moradores, recebem demandas, gerenciam conflitos e possuem olhar mais integrado dos territórios onde atuam. Cabe registrar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) ressalta a importância do engajamento comunitário para a efetiva comunicação dos riscos e do controle da epidemia em contextos locais, principalmente nas comunidades mais vulneráveis. Por seu conhecimento do território, por sua experiência e pela capilaridade de suas redes pessoais, as lideranças comunitárias exercem papel chave na disseminação de medidas de prevenção ao vírus e na construção de soluções alternativas aos danos econômicos e sociais da pandemia.

Este Boletim apresenta os resultados do processamento de três perguntas abertas feitas a essas lideranças. A metodologia utilizada não prevê estímulo a temas ou problemas específicos porque um de seus objetivos é a captura de situações e eventos inesperados gerados pela crise atual.

A primeira pergunta realizada foi sobre a percepção de problemas e dificuldades enfrentados pelas comunidades em decorrência da pandemia e replicou a formulação utilizada nas três ondas anteriores do estudo. A segunda pergunta, aplicada pela primeira vez nesse Painel, concentrou-se na visão das lideranças sobre os grupos sociais mais atingidos pela pandemia. A terceira pergunta, também formulada pela primeira vez, trata da percepção das lideranças sobre os efeitos que a pandemia deixará em suas comunidades no futuro<sup>1</sup>.

---

**6** As formulações foram: "As perguntas se referem aos possíveis problemas, conflitos e situações de dificuldade que surgiram ou foram agravadas por conta da pandemia do covid-19 e as políticas para sua contenção - como o distanciamento social, por exemplo. (i) *Na última semana que tipo de problemas e situações a população da comunidade/território em que atua tem vivido? Por favor, relate os principais motivos pelos quais as pessoas têm lhe procurado ou os principais problemas que ficou sabendo que estão ocorrendo.*" (ii) *Na sua comunidade quais foram os grupos sociais (como, por exemplo: jovens, mulheres, idosos, crianças etc) mais atingidos pela pandemia? De que forma eles foram atingidos?* (iii) *Em sua opinião, quais serão os efeitos que a pandemia deixará para a sua comunidade no futuro? Você vê pontos positivos e/ou negativos para situação da comunidade no futuro que são decorrentes da pandemia?"*.

## Resultados

A nova coleta de dados do Painel apontou que os problemas materiais causados pela pandemia – como fome, renda e emprego – figuram novamente como os mais citados entre as lideranças comunitárias de dez regiões metropolitanas do país. Entre as lideranças entrevistadas, 62% trouxeram relatos sobre fome e falta constante de alimentação. Trabalho e renda seguem entre os problemas mais citados. O destaque nesta última medição ficou por conta das manifestações sobre educação das crianças e adolescentes. Uma em cada cinco lideranças comunitárias afirmou que a indefinição sobre a volta às aulas agrava a situação crítica das comunidades, seja pelo receio do retorno sem condições adequadas, seja pelas consequências já sentidas da interrupção do aprendizado.

A percepção do aumento do contágio e da falta de adesão às medidas de combate a pandemia também estão entre os problemas mais mencionados. Para as lideranças, os processos de flexibilização implementados sem a comunicação efetiva da gravidade da pandemia no cenário atual levaram ao descumprimento de medidas de prevenção e aumentam a sensação incorreta de que a pandemia já passou.

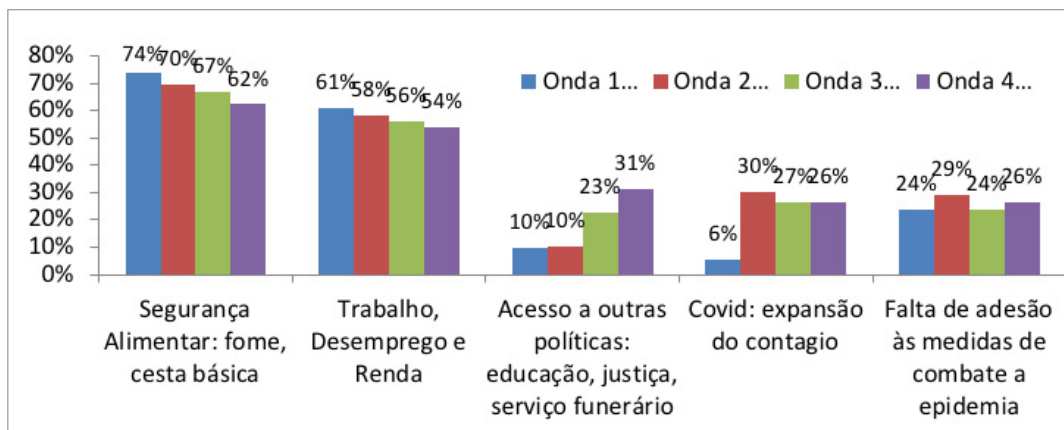
A quarta onda do Painel também coletou percepções das lideranças a respeito dos grupos sociais mais afetados pela pandemia em suas comunidades. Um em cada três líderes consultados entende que os idosos compõem o grupo mais afetado pela pandemia. As razões para isso são: maior risco de morte com a contaminação, isolamento social e a falta de acesso à saúde para tratamento de outras questões não relacionadas à COVID-19.

Por fim, os entrevistados foram questionados sobre os possíveis efeitos da pandemia para o futuro das suas comunidades. O levantamento mostra que as projeções das lideranças para o futuro são pessimistas, principalmente no que se refere aos impactos econômicos sobre as famílias. Prevalece a percepção de que haverá um legado de crise econômica que continuará atingindo com força as comunidades mais vulneráveis em diferentes aspectos. Entre os impactos subjetivos, chama atenção a expectativa de que a sensação de perda e luto e os impactos psicológicos da pandemia também serão duradouros. Como efeitos positivos, houve destaque para o fortalecimento da solidariedade e da atuação comunitária. Também há expectativa que haja incorporação de hábitos de higiene e limpeza que se intensificaram na pandemia. De acordo com as lideranças, a experiência da crise sanitária também pode deixar como legado positivo lições sobre a atuação política dos governantes e sobre a escolha de futuros candidatos nas próximas eleições.

### Principais problemas enfrentados pelas comunidades

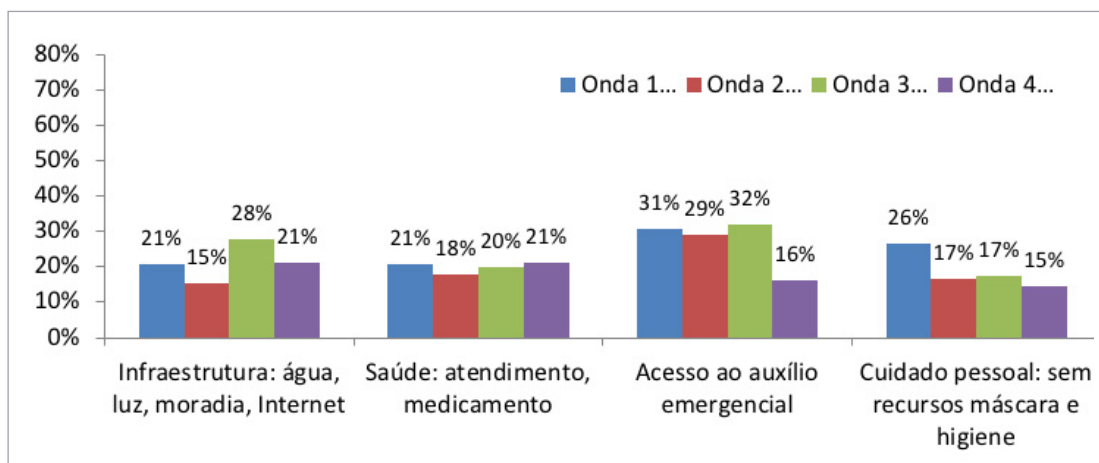
Os gráficos a seguir apresentam os problemas mencionados nas quatro ondas do estudo e ajudam a ilustrar as mudanças de foco das lideranças e a variação das preocupações da população mais vulnerável nas localidades contatadas pela Rede. Foram separados pela recorrência dos problemas mencionados na última onda do estudo, que capturou a percepção das lideranças sobre os dilemas vividos na última quinzena de agosto.

**Gráfico 1 (1/3).** Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia – maior recorrência (%)



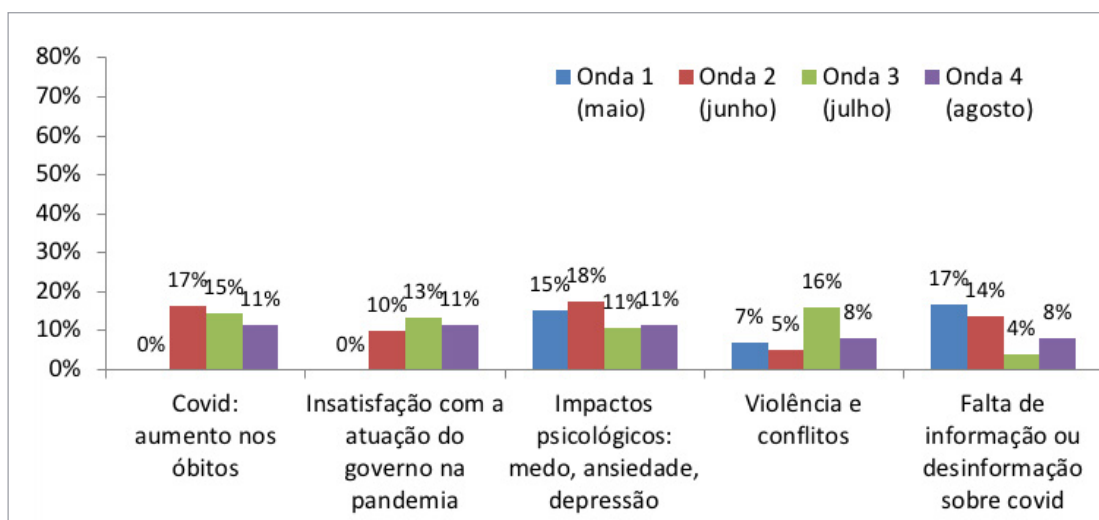
Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %. Onda 1: 05 de maio a 11 de maio. N=72. Onda 2: 25 de maio a 06 de junho. N=79. Onda 3: 06 de julho a 16 de julho. N=75. Onda 4: 17 de agosto a 30 de agosto. N=64

**Gráfico 1 (2/3).** Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia – recorrência intermediária (%)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %. Onda 1: 05 de maio a 11 de maio. N=72. Onda 2: 25 de maio a 06 de junho. N=79. Onda 3: 06 de julho a 16 de julho. N=75. Onda 4: 17 de agosto a 30 de agosto. N=64

**Gráfico 1 (3/3).** Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia – menor recorrência (%)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %. Onda 1: 05 de maio a 11 de maio. N=72. Onda 2: 25 de maio a 06 de junho. N=79. Onda 3: 06 de julho a 16 de julho. N=75. Onda 4: 17 de agosto a 30 de agosto. N=64

## Problemas com maior recorrência

A quarta onda da pesquisa revelou que o enfrentamento das necessidades materiais causadas pela pandemia ainda é o grande dilema que assola as comunidades. Questões referentes à segurança alimentar (como a fome) e o acesso a trabalho e renda continuam sendo as dificuldades mais citadas pelas lideranças (62%) que compõem o Painel. Ainda que se note redução na frequência da insegurança alimentar como problema apontado ao longo dos quatro meses de realização do estudo, sua magnitude e persistência denotam a gravidade de um quadro de altíssima vulnerabilidade social que se tornou permanente e a insuficiência de políticas públicas para contornar essa situação.

Seguindo a mesma tendência, problemas relativos à falta de renda e trabalho seguem como os mais mencionados pelas lideranças (54%), ainda que com ligeira redução quando se observa as frequências ao longo de todos os meses do estudo.

As referências aos problemas de maior intensidade mencionados (segurança alimentar, trabalho e renda) são acompanhadas, em geral, pela desesperança que toma conta de parte das lideranças diante da realidade perversa que não apresentou qualquer alteração. Na verdade, a permanência dos mesmos problemas revela um desalento generalizado e ausência de expectativa de qualquer melhora no futuro.

*"Continua a falta de cesta básica. Muita gente desempregada. E tá do mesmo jeito a periferia: sofrendo muito."*

**(Liderança comunitária de Parada de Taipas – São Paulo, SP)**

*"Continua a mesma coisa: não tem emprego, doação de cesta básica, auxílio-emergencial com vários problemas (uns recebem e outros não; quem pode receber, não recebe, e quem não deve receber, acaba recebendo) ..."*

**(Liderança comunitária Jardim das Palmas – São Paulo, SP)**

*"Bom, o que se vê bastante aqui é, repetindo quase a mesma resposta da última, é a questão da alimentação, certo? Cesta básica, as pessoas me abordam e pedem "e aí, cadê a cesta, quando é que vai ter cesta?" e a gente está tentando da melhor forma conseguir. Então, as cestas básicas e a questão do emprego também. Muita gente perdendo emprego, eu também passei a fazer currículo para as pessoas, aí eu fico perguntando 'poxa, fazer currículo para o cara, para a pessoa, e ela vai procurar emprego aonde no meio da pandemia?' ..."*

**(Liderança comunitária Morro do Macaco – Cotia, SP)**

O acesso a outras políticas foi a categoria que mais cresceu nesta última rodada em menções feitas pelas lideranças: saltou de 10% (nas duas primeiras ondas do estudo) para 23% na terceira e chegou a 31% nesta edição do levantamento. O crescimento expressivo se deu fundamentalmente pelas percepções sobre o acesso à educação. No total, uma em cada cinco lideranças (20%) mencionou a volta às aulas com um dos problemas mais críticos atualmente.

A retomada das aulas aparece como um problema complexo em diferentes dimensões: (i) na insegurança sobre o retorno pela falta de estrutura adequada nas escolas, num cenário em que o nível de contágio ainda está em patamar muito alto; (ii) no desgaste das crianças e adolescentes em casa e nos prejuízos que são percebidos pela falta de condições para acompanhar as opções do ensino à distância; (iii) pela falta de cuidado adequado às crianças e adolescentes dado o retorno ao trabalho de seus pais e responsáveis, agravada pela ausência de opção para tutoria das crianças nesse período de reabertura das demais atividades.

As opiniões, por vezes, divergentes sobre o tema revelam a fragilidade do debate e os problemas de comunicação da gestão pública. Porém, as entrevistas indicam claramente que a educação é uma das áreas mais afetadas pela pandemia e que demanda e demandará por muito tempo ações sistemáticas e consistentes para redução das desigualdades que se ampliaram no último período.

*"Respondendo a primeira pergunta, a principal dificuldade que tem chegado aqui para mim é em relação ao retorno das aulas presenciais, que a maioria dos pais e alunos não quer esse retorno, pelo menos de imediato, às aulas presenciais, pois ainda há o risco da proliferação da pandemia, o aumento dessa proliferação a nível do nosso Estado de Pernambuco."*

**(Liderança comunitária Iputinga – Recife, PE)**

*"O que discuti e debati muito com a comunidade nessas últimas semanas (e continuo falando) foi o retorno às aulas. A grande maioria é contra pelo fato de que (...) vão voltar pra casa e contaminar os idosos. (...) Por isso, os familiares são terrivelmente contra o retorno às aulas, mesmo porque se trata de um governo e de um prefeito que não investiu na saúde, não fez um investimento na preparação da volta às aulas, nas salas de aula. Segundo o governo e o prefeito lá, vão colocar um frasco de álcool em gel e um ventilador para fazer a ventilação, e isso é o suficiente para espantar o vírus. A gente sabe que precisa de um investimento muito maior do que isso. Nós lideranças fizemos muito debate virtual. Saímos em campanha virtual para que os pais não aceitem essa volta às aulas levando em consideração que o governo e o prefeito são tão irresponsáveis que ainda queriam tirar a responsabilidade deles e transferir para os pais. Os pais teriam que assinar um termo de responsabilidade de que, se a criança se contaminasse na escola, a responsabilidade seria dos responsáveis..."*

**(Liderança comunitária Tucuruvi – São Paulo, SP)**

*"Na comunidade as maiores dificuldades é a falta de emprego, os alunos das escolas públicas não conseguem assistir às aulas e acompanhar por falta de internet e computador e telefone celular."*

**(Liderança comunitária Coqueiral – Recife, PE)**

*"(...) a dificuldade das crianças de ter acesso à Internet. A dificuldade é muito grande porque muitas redes são simples ou não conseguem se manter ligadas. A outra é que as crianças não têm notebook, muitos não tem celular."*

**(Liderança comunitária Favela San Remo – São Paulo, SP)**

*"Também os problemas sobre as crianças na escola, né? As famílias não têm internet, telefone, computador em casa. E as crianças estão sem estudar... elas estão sem escola. E devido a essa situação elas ficam em casa sem fazer nada... tem mães analfabetas que não sabe explicar e ajudar nas atividades, ficou muito difícil nas comunidades..."*

**(Liderança comunitária Brasilândia – São Paulo, SP)**

*"Problemas com estudos das crianças, pois muitos não têm computador e acesso à Internet."*

**(Liderança comunitária Morro das Pedras – Belo Horizonte, MG)**

Por fim, a percepção de expansão do contágio e a não adesão às medidas de combate à pandemia também figuram entre os 5 problemas mais recorrentes mencionados pelas lideranças comunitárias. Ambos, com muita associação entre si, são em geral vistos como consequências dos processos de flexibilização das medidas de distanciamento, que não foram acompanhadas por uma comunicação efetiva e não ajudaram a população a entender o real estágio da pandemia. O resultado da falta de

informação clara e confiável levou à compreensão equivocada de que a situação já não é grave e a consequente diminuição da adesão às medidas de contenção da COVID, o que, na percepção das lideranças, gera ampliação do contágio.

*"Ao mesmo tempo em que a pandemia se agrava em nossa cidade, com mais mortes, as pessoas estão relaxadas, como se o problema já estivesse passado e elas fossem inatingíveis."*

**(Liderança comunitária Zona 2 – Maringá, PR)**

*"Aqui no bairro do Pina, hoje o problema maior é a abertura da praia, pois isso está levando as pessoas a fazer tumulto, mesmo sem a abertura das barracas na praia, são muitas pessoas juntas das outras e também muitas pessoas sem Máscara, podendo trazer de volta o aumento do coronavírus, apesar do estacionamento da doença aqui em Pernambuco..."*

**(Liderança comunitária Pina – Recife, PE)**

*"Mas, uma coisa que a gente tem percebido, agora, muito claramente, é o relaxamento no isolamento social, né? Então, as pessoas estão acreditando que a doença já tá acabando e hoje, não tão pondo fé que a doença ainda existe. Então, hoje, você vê as pessoas andando normais como se não houvesse mais a pandemia. Então, essa é um fator preocupante, né, porque a gente sabe que isso não vai parar por aqui."*

**(Liderança comunitária bairro A. E. Carvalho – São Paulo, SP)**

## **Problemas com recorrência intermediária ou baixa**

Na quarta medição do estudo, problemas com o acesso ao auxílio emergencial foram relatados com frequência bem menor. Se até a terceira onda cerca de 30% das lideranças indicaram o acesso como um dos principais desafios da pandemia, na quarta medição o problema não deixou de existir, mas foi manifestado por apenas 16% dos entrevistados.

Problemas de infraestrutura, como acesso a água, luz e Internet, ainda persistem como críticos para um quinto das lideranças entrevistadas. Também foram mencionados por pouco mais de 20% dos entrevistados problemas no acesso a equipamentos e serviços de saúde. Problemas estruturais, que ganham relevo com a pandemia, e geram situações adversas com consequências negativas de maneira perene. De um lado, problemas de infraestrutura como falta de energia elétrica e/ou de Internet, que impedem o acesso das crianças e adolescentes às atividades escolares e, de outro, a postergação de tratamentos de saúde sem origem na COVID-19, por conta da indisponibilidade de vagas, equipamentos e pessoas nos hospitais e centros de saúde, situação que se tornou dramática e de difícil solução.

*"Na última semana, o que sentimos foi a procura das pessoas por conta de tratamentos interrompidos, tratamentos médicos, até mesmo alguns tipos de atendimento. Nós temos um bairro que ainda não tem alguns serviços como água encanada, infelizmente por conta da pandemia os processos de verificação junto à prefeitura foram também interrompidos, e as pessoas têm buscado esse alerta, né. E principalmente porque quem tem reumatismo, algumas doenças crônicas, não conseguiu restabelecer o tratamento de imediato. Ou seja, aos poucos, as coisas estão acontecendo, mas a questão médica também precisa retomar. Então, muitas pessoas ficaram preocupadas e estão buscando esses contatos. Alguns que não receberam ou tiveram suspensa a renda. O auxílio foi também um outro item que demandou pessoas com uma grande movimentação."*

**(Liderança comunitária Vila Capuá, Francisco Morato - SP)**

*"A exclusão e falta de acessibilidade para pessoa com deficiência, as consultas com os médicos especialistas, principalmente neurologistas e psiquiatria infantil, pois as crianças estão mais imperativas, algumas mais agressivas e aumento de estereotípias devido a ausência de terapias. Para ter acesso a informações e internet, agendamento de documentos, retirada de cópias e procura de suprimentos alimentar."*

(Liderança comunitária San Martin, Recife - PE)

*"(...) hoje, a nossa maior demanda voltou a ser saneamento básico, iluminação pública, essas questões, né? Lazer, educação, cultura, saúde, problemas que nós já tínhamos antes da pandemia começar e que, com a pandemia, só piorou..."*

(Liderança comunitária Morro Fallet-Fogueteiro, Rio de Janeiro - RJ)

Por fim, ainda que mencionados com menor recorrência (por 11% das lideranças), a insatisfação com as ações governamentais e impactos psicológicos resultantes da pandemia, foram problemas relatados a partir da associação com o desalento e o desamparo da população.

*"A invisibilidade social das pessoas ao poder público."*

(Liderança comunitária Capão Redondo, São Paulo - SP)

*"Na periferia, você não vê uma comunicação da prefeitura falando pra continuar a usar máscara, pra entregar máscara e álcool em gel, pra entregar cesta. Tá cada dia pior, com a periferia precisando do apoio dos governantes cada vez mais, que praticamente viraram as costas para as comunidades."*

(Liderança comunitária Pirituba, São Paulo - SP)

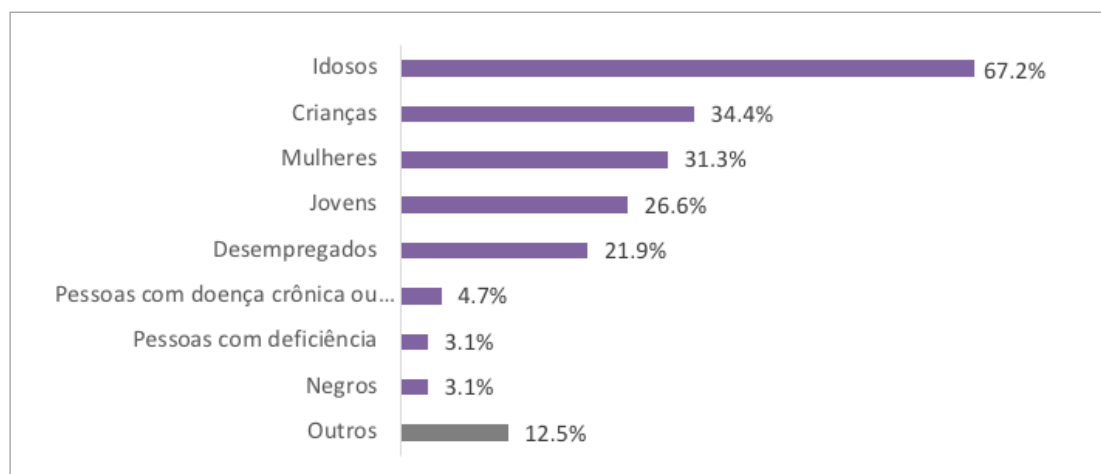
*"Nas últimas semanas a população tem estado em desespero, dúvida e sensação de abandono."*

(Liderança comunitária Brejo do Beberibe, Recife - PE)

## Grupos Sociais mais afetados pela pandemia nas comunidades

As lideranças comunitárias também responderam sobre suas percepções de quais foram os grupos sociais mais atingidos pela pandemia, indicando ainda as razões para essa percepção. Os idosos apareceram como o grupo mais afetado, citados por 67% das lideranças, devido ao risco de morte por contágio, solidão pelo isolamento social e falta de acesso a serviços de saúde. Crianças, mulheres e jovens também foram citados como grupos fortemente atingidos.

**Gráfico 4:** Grupos sociais mais afetados pela pandemia nas comunidades (n=64)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.



Dois em cada três líderes comunitários apontaram os idosos como o grupo mais afetado pela pandemia. A primeira razão está relacionada diretamente à vulnerabilidade frente à doença. Os idosos formam um dos grupos de risco da COVID-19, muito suscetíveis ao contágio e a casos graves que levam a óbito. Outras razões indiretas foram apontadas pelas lideranças. Em razão da necessidade de isolamento, muitos idosos deixaram de realizar tratamentos médicos de saúde não relacionados à COVID-19, o que gerou agravamento de outras doenças e mortes. Por fim, como parte do grupo de risco, a pandemia forçou um isolamento domiciliar expressivo desta população. Os idosos encontram-se literalmente “presos dentro de casa”, com rotina e sociabilidade profundamente afetadas, fatores que aumentam a solidão, a sensação de abandono e a multiplicação de quadros depressivos.

As crianças constituem o segundo grupo mais afetado pela pandemia na opinião das lideranças consultadas, com 34,4% das menções. A principal razão apontada é o efeito do distanciamento social no acesso às atividades educacionais. A falta de acesso à internet e recursos tecnológicos como computador, celular e impressora foram muito citados, além da dificuldade de acompanhar e apreender os conteúdos educacionais à distância. Houve ainda a percepção de que, sem merenda, muitas crianças estejam expostas à insegurança alimentar e mostrem-se psicologicamente mais vulneráveis por conta do distanciamento social.

*“As crianças estão todas com em casa e ela são as mais prejudicadas porque na unidade nós temos quatro horários de refeição e na casa deles não tem e é muito triste quando a mãe diz que não tem nem batata para pôr na sopa do seu filho, então isso é triste demais”.*

**(Liderança comunitária do Jardim Ângela – São Paulo, SP)**

*“As crianças por conta da aula à distância, que é uma tentativa de dar aula à distância, mas que não está sendo possível porque está sendo mandada tarefa para casa, muitos que vivem num contexto de pobreza não estão fazendo as tarefas porque os pais não conseguem ajudar, e daí também não tem internet (às vezes) para entrar em contato com os professores”*

**(Liderança comunitária de Joinville – SC)**

As questões relacionadas à educação à distância também afetaram os grupos dos jovens e das mulheres. Os jovens totalizaram 26,6% das menções e, assim como para as crianças, o principal problema anotado foi o acesso à educação: as famílias sentem que não possuem os recursos necessários para acessar o conteúdo, para acompanhar as aulas e para impedir o abandono da aprendizagem. No caso das mulheres, a educação à distância significou uma responsabilidade adicional, que sobrecarregou esse grupo já muito demandado.

Além disso, as mulheres aparecem como um dos principais grupos afetados pela pandemia (31,3%), especialmente por conta do desemprego que atingiu empregadas domésticas e faxineiras diaristas. As mães chefes de domicílio foram apontadas como aquelas que enfrentam dificuldades mais críticas, pois acumulam funções de provimento material e cuidados da família, agravadas pela pandemia. As mulheres também foram particularmente afetadas pelo aumento da violência doméstica durante o períodos de isolamento social.

*“Muitas delas são mães-solo, e são mulheres que muitas delas perderam os seus empregos, né. Agora, estão retornando ao mercado, voltaram a fazer as suas diárias. Só que a grande questão é com quem deixar os filhos, além da preocupação de voltar às aulas. Não é isso que elas desejam”*

**(Liderança comunitária de Sapopemba – São Paulo, SP)**

*"As mulheres também sofrem bastante por conta do que, aquelas que trabalham que tem que conciliar o trabalho em casa e o trabalho fora, mas as mulheres que ficam em casa sobrecarregam porque tem todos os problemas domésticos, os filhos... a escola que agora transferiu pra mãe os pais que têm que ajudar os filhos nas tarefas... teve uma mãe que veio falar pra mim "como eu vou ajudar meu filho se eu sou analfabeta?"*

**(Liderança comunitária de Maringá – PR)**

*"As mulheres negras que são a maioria chefe de família e tem que arrumar uma forma de alimentar a família mesmo nesse momento sem apoio. Também os casos de violências domésticas."*

**(Liderança comunitária do Recife – PE)**

*"As mulheres, né, muitas delas com o cuidado das crianças na creche, tiveram que cuidar, tiveram que receber os seus filhos em casa, e com isso continuar aumentando aí toda uma nova demanda, uma nova organização. A questão das mulheres e crianças é a grande preocupação escolar."*

**(Liderança comunitária de Francisco Morato – SP)**

Os jovens foram atingidos não somente pelas dificuldades de acesso à educação durante a pandemia, mas também pelo desemprego e conseqüente falta de perspectivas para o futuro. Parte desse grupo responde aos impactos psicológicos da pandemia com o aumento da depressão e o uso de álcool e drogas.

*"E as crianças e os jovens que, realmente, são o foco da pandemia. Muitos pais perderam emprego, muitos pais ficaram sem renda, então, muitos tiveram que procurar a criminalidade, tiveram que procurar o tráfico de drogas"*

**(Liderança comunitária do morro do coroa, Rio de Janeiro, RJ)**

*"No caso jovens que tinham a busca, a procura de compromissos relacionados a estágios, isso afetou. Aquela ansiedade de começar as atividades... as poucas oportunidades que tinham, alguns tiveram isso de forma abrupta cessada."*

**(Liderança comunitária de Francisco Morato – São Paulo, SP)**

O grupo dos desempregados também foi muito citado pelas lideranças consultadas, com 21,9% das menções. Nesse grupo estão não apenas jovens e mulheres, mas também homens e os chefes de família.

*"O desemprego tá pegando tudo e todo mundo desesperado com essa situação do desemprego."*

**(Liderança comunitária do Butantã – São Paulo SP)**

*"a juventude que não esta conseguindo emprego, mulheres e pai de família perderam seus empregos"*

**(Liderança comunitária de Torrões - Recife - PE)**

*"Jovens e adultos de ambos os sexos, sofrem com o desemprego, ou com a diminuição de sua renda, e tudo o que isto acarreta, como ter um baixo padrão de alimentação para si e sua família"*

**(Liderança comunitária de Santana – São Paulo, SP)**

Por fim, pessoas com deficiências, com doenças crônicas e comorbidades também foram mencionados como grupos impactados pela pandemia pela dificuldade de acesso a atendimento médico e atividades de reabilitação.

## Efeitos da pandemia no futuro das comunidades

A quarta onda do Painel encerrou a enquete com as percepções das lideranças a respeito dos efeitos da pandemia para o futuro de suas comunidades.

**Gráfico 5: Efeitos da Pandemia no Futuro das comunidades (n= 62)**



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.

## Impactos no mercado de trabalho e inserção ocupacional

Com quase 60% do total das citações, as menções a impactos negativos da pandemia no mercado de trabalho e na inserção ocupacional foram as mais recorrentes.

Há expectativa de que a crise econômica e sanitária siga afetando negativamente as oportunidades futuras, consolidando o risco de desemprego, informalidade e instabilidade ocupacional. As lideranças também mencionaram mudanças nas estratégias de obtenção de trabalho e geração de renda, basicamente com aumento dos “bicos”, do trabalho por conta própria, do empreendedorismo e até com o uso mais intensivo de redes sociais para comercialização e prestação de serviços.

*Longo tempo para recuperação dos empregos e aumento da informalidade.*

**(Liderança Comunitária da Comunidade Sítio do Berardo, Recife)**

*A sociedade teve perdas em relação à empregabilidade (...) tudo que havia de organização foi mudado, impactando, sobretudo, na política e na economia.*

**(Liderança Comunitária do Jardim São José, São Paulo, SP)**

*Tem muita gente se adaptando à nova realidade, tentando outros meios de geração de renda. Muita gente deixou o mercado formal para ir para o mercado informal. Alguns estão conseguindo se manter e pagar suas dívidas dessa forma, tirando renda com artesanatos, vendendo produtos de cosméticos, ou de forma digital também, pela internet.*

**(Liderança Comunitária São Remo, São Paulo- SP)**

## Perda da renda e aumento da pobreza e da desigualdade

O segundo efeito mais citado é a queda na renda nas comunidades, com o aumento da pobreza e das desigualdades. Esse ponto recebeu 45% das menções sobre efeitos futuros da pandemia.

Como o desdobramento da crise que afeta o mercado de trabalho e a incerteza quanto à manutenção de auxílios governamentais, as lideranças prevêm que o acesso à renda permanecerá crítico, com aumento da pobreza e a vulnerabilidade social nas comunidades.

*Eu acho que depois da pandemia a gente vai ver o reflexo, número muito grande de pessoas desempregadas. (...) Eu não sei dimensionar o que vai acontecer depois do fim do auxílio emergencial (...) mas, os efeitos que vão ocorrer aqui depois desse corte do auxílio emergencial, vão ser consequências econômicas gravíssimas. (...) eu acho que o efeito da pandemia vai ser a fome e a miséria.*

**(Liderança Comunitária Bairro A.E. Carvalho, São Paulo, SP)**

*Como ponto negativo, o futuro será de muita necessidade financeira, muita dívida, cartão estourado, desemprego, fome e saques.*

**(Liderança Comunitária MBoi Mirim, São Paulo, SP)**

*Vai ser a falta de renda e o desemprego, pois a maioria está sobrevivendo desse auxílio emergencial e quando acabar a situação será bem difícil.*

**(Liderança Comunitária BuritisII, Planaltina, DF)**

## Sequelas da doença, mortes e luto

Além dos aspectos econômicos, outro desdobramento negativo bastante mencionado pelas lideranças entrevistadas foi a permanência duradoura da sensação de luto e perda nas comunidades.

Cerca de 24,2% das menções coletadas fizeram referência às consequências diretas da contaminação pelo coronavírus, como as mortes e sequelas. É forte a percepção de que esses territórios vulneráveis foram muito afetados pela COVID. A tristeza e o luto pelas perdas foram apontados como consequências dramáticas da pandemia nessas localidades.

*Na questão sobre os efeitos que a pandemia deixará para sua comunidade no futuro, eu acho que é a questão das perdas, né. Muitas pessoas, alguns idosos que faleceram aqui. E essa questão da vulnerabilidade, que a gente percebeu que é muito grande a discrepância das questões sociais, né. Quem está na periferia está sujeito a ter contato do covid-19 bem mais do que quem mora em outros bairros.*

**(Liderança Comunitária, São Remo, São Paulo-SP)**

*Uma cicatriz gigante é o que vai ficar para todo mundo. (...) o que a pandemia já deixou é isso, saudade, coisas e pessoas que foram perdidas e deixadas para trás.*

**(Liderança Comunitária -Morro dos Macacos, Cotia-SP)**

*O que vai mudar aqui vai ser muita perda, né. Perda de pessoas que faleceram, pessoas que ficaram com sequela. Algumas pessoas vão ficar com sequelas. E também as perdas de pessoas que faleceram, né.*

**(Liderança Comunitária, Coque, Recife - PE)**

## Impactos na economia local

Impactos nas dinâmicas das economias locais representaram 17,7% das menções das lideranças entrevistadas. As lideranças acreditam que a crise também gerou efeitos diretos na economia dos territórios vulneráveis que, dada a menor circulação de dinheiro, viram o enfraquecimento o enfraquecimento de pequenos estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços enraizados nos territórios.

*Uma coisa que a gente viu muito aqui na nossa região, a gente percebeu que muito comércio fechou, muita loja, mercado, padaria, loja, açougue. Eu vi muitos comércios fechados. Isso é uma questão assustadora. Então, você vê que o comércio local não está se sustentando.*

(Liderança Comunitária Bairro A.E. Carvalho, São Paulo-SP)

*O ponto negativo é que muitas pessoas fecharam seus comércios e não tem condição de abrir novamente.*

(Liderança Comunitária Paraisópolis, São Paulo-SP)

## Efeitos Psicológicos

A expectativa de que a pandemia deixará impactos na saúde mental e psicológica nos moradores das comunidades foi apontada por 16,1% das lideranças entrevistadas. Depressão, ansiedade, desesperança e falta de perspectiva em decorrência do luto, do isolamento social e da crise econômica são alguns dos efeitos psicológicos previstos pelos informantes do estudo.

*Os efeitos que a pandemia vai deixar são esses: pessoas mais depressivas, ansiosas, a pobreza se instalando ainda mais, dificuldades financeiras se instalando ainda mais nessas pessoas que já tem dificuldades.*

(Liderança Comunitária Floriano, Maringá-PR)

*Acho que, por enquanto, o maior problema que a gente tem é uma questão psicológica da juventude. Mais pessoas procurando álcool e drogas.*

(Liderança Comunitária Campo Limpo, São Paulo-SP)

## Aumento da solidariedade e senso de comunidade

Como efeito positivo da pandemia no futuro, as lideranças mencionaram o fortalecimento do senso de comunidade que desde o início da crise sanitária gerou muitas iniciativas locais de solidariedade, assim como a incorporação de hábitos de higiene e prevenção.

Aspecto positivo que ganhou destaque nas entrevistas foi a previsão de incorporação de medidas de higiene disseminadas na pandemia no cotidiano das comunidades. Cerca de 18% das menções fizeram referência a essa expectativa para o futuro. Acredita-se que no longo prazo esses protocolos serão habituais nas comunidades.

*Sobre a questão dos efeitos que a pandemia realmente vai deixar como um exemplo também de a gente também se respaldar na questão da higienização, que a gente já praticava isso, mas não praticava com tanta frequência essa questão da limpeza, né.*

(Liderança Comunitária Ibura, Recife-PE)

*Ponto positivo é ter mais consciência de cuidados e higiene pessoal.*

(Liderança Comunitária, Cidade de Deus, Manaus, AM)

Mais forte ainda, foi a referência otimista de quase 40% dos entrevistados que afirmaram a expectativa de que a atuação comunitária no enfrentamento de seus problemas permanecerá forte e organizada após a pandemia.

Segundo as lideranças, a experiência dramática da pandemia evidenciou a importância da organização da sociedade e o senso de pertencimento. Acreditam, por isso, que o processo de engajamento social é um legado positivo que tende a perdurar nas comunidades vulneráveis.

*O ponto positivo é que as comunidades começaram a entender que precisam se organizar para salvar a gente mesmo, porque no final é nós por nós.*

**(Liderança Comunitária da Ilha do Retiro, Recife-PE)**

*O positivo é que a comunidade conseguiu saber a força que tem! Sem governo sem estado sem município! A favela ajudando a favela!*

**(Liderança Comunitária Paraisópolis, São Paulo-SP)**

*E um ponto positivo que deixou para as favelas do Rio de Janeiro e de todo o Brasil é que existem pessoas que se uniram, sentaram-se à mesa, não como políticos, mas, como líderes comunitários. (...) Então, nós montamos uma rede de solidariedade. (...) eu posso dizer que as comunidades estão preparadas para qualquer pandemia que vier de fora afetar as favelas.*

**(Liderança Comunitária do Morro da Coroa, Rio de Janeiro-RJ)**

## Reavaliação da atuação Governamental

Cerca de 16% das menções coletadas apontaram efeitos na esfera da política eleitoral. É forte entre as lideranças entrevistadas a expectativa de que a pandemia despertou um olhar mais crítico entre os moradores das comunidades em relação aos poderes públicos, aos governantes e aos futuros candidatos. A percepção de que atuação governamental foi insatisfatória nos territórios vulneráveis teria potencial para orientar as escolhas nas próximas eleições, penalizando os candidatos descomprometidos com essas comunidades.

*Um ponto positivo é isso, né: a comunidade pensar, a periferia pensar melhor nas próximas eleições quem que ela vai eleger, quem que ela vai votar, para que seja alguém que, de fato, faça alguma coisa pelas periferias, que estão esquecidas.*

**(Liderança Comunitária São Remo, São Paulo-SP)**

*Um grande descontentamento com o governo pela forma irresponsável com que ele está lidando com isso e como lida até hoje. Muita gente irritada com os governantes sim, porque estão sentindo na pele a parte da economia, do dinheiro, essas coisas... Então acho que isso é uma coisa que vai ficar.*

**(Liderança Comunitária Morro do Macaco, Cotia-SP)**

## O QUE É A REDE

Somos mais de 100 pesquisadores mobilizados para aperfeiçoar a qualidade das políticas públicas do governo federal, dos governos estaduais e municipais que procuram atuar em meio à crise da Covid-19 para salvar vidas. Colocamos nossas energias no levantamento rigoroso de dados, na geração de informação criteriosa, na criação de indicadores, na elaboração de modelos e análises para acompanhar e identificar caminhos para as políticas públicas e examinar as respostas que a população oferece.

A Rede de Pesquisa Solidária conta com pesquisadores das Humanidades, das Exatas e Biológicas, no Brasil e em outros países. Para nós, a fusão de competências e técnicas é essencial para se enfrentar a atual pandemia. O desafio é enorme, mas é especialmente entusiasmante.

E jamais seria realidade se não fosse a contribuição generosa de instituições e doadores privados que responderam rapidamente aos nossos apelos. A todos os que nos apoiam, nosso muito obrigado.

Visite nosso site: <https://redepesquisasolidaria.org/>

Siga a Rede de Pesquisa Solidária na redes sociais



## QUEM FAZ

### Comitê de Coordenação

Glauco Arbix (USP), João Paulo Veiga (USP), Fabio Senne (Nic.br), José Eduardo Krieger (InCor-Faculdade de Medicina USP), Rogério Barbosa (CEM-USP, Princeton Brazil Lab), Ian Prates (CEBRAP, Social Accountability International), Graziela Castello (CEBRAP), Lorena Barberia (USP-Ciência Política), Tatiane Moraes (Fiocruz) e Hellen Guicheney (CEM, CEBRAP)

**Coordenação Científica** Lorena Barberia (USP)

**Editores** Glauco Arbix, João Paulo Veiga e Lorena Barberia

**Doações e contato** [redespesquisasolidaria@gmail.com](mailto:redespesquisasolidaria@gmail.com)

**Consultores** Alvaro Comin (USP) • Diogo Ferrari (Universidade de Chicago) • Flavio Cireno Fernandes (Prof. da Escola Nacional de Adm. Pública e Fundação Joaquim Nabuco) • Márcia Lima (USP e AFRO-Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial) • Marta Arretche (USP e Centro de Estudos da Metrópole - CEM) • Renata Bichir (USP e CEM) • Guy D. Whitten (Texas A&M University) • Arachu Castro (Tulane University)

**Design** Claudia Ranzini

## Equipe responsável pela Nota Técnica No.24

**Coordenação** Graziela Castello (CEBRAP), Priscila Vieira (CEBRAP) e Monise Picanço (CEBRAP)

**Pesquisadores** Dafny Almeida (CEBRAP), Daniela Costanzo (CEBRAP), Jaciane Milanezi (CEBRAP), Jonatas Mendonça dos Santos (USP), Laura Simões (USP), Leonardo Fontes (CEBRAP), Rodrigo Brandão (USP).

## Instituições parceiras



## Instituições de apoio



ALBERT EINSTEIN  
SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA BRASILEIRA

